

COLUNA

LITERATURA EM DIÁSPORA

Débora Peçanha Pedroni Katunaric

Maya Angelou: a representatividade negra na Literatura Americana Moderna



Maya Angelou lutou pelos direitos civis ao lado de nomes como Martin Luther King e Malcom X nos anos 1960 e ao longo de sua trajetória fez da poesia a sua principal arma de luta e emancipação.

de Marguerite Ann Johnson, negra, nascida no estado de Missouri, nos EUA, no ano de 1928. Ativista dos Direitos Civis, Maya era poetisa e cantora, e publicou sete autobiografias, diversos livros de poesia, e três ensaios, além de ser reconhecida com vários prêmios importantes sobre seu trabalho.

Falecida em 2014, Angelou ganhou reconhecimento mundialmente não apenas por sua poesia e escrita, mas principalmente pela luta árdua e contínua contra a discriminação racial e direitos civis, juntamente com negros americanos ativistas como Martin Luther King e Malcom X. Friso aqui que, apesar de negra e mulher, numa terra onde ainda hoje existe a segregação racial em todos os âmbitos da sociedade, Maya

“Gostaria de ser conhecida como uma mulher inteligente, corajosa, amável, uma mulher que ensina através do **ser**”. Quanto significado numa pequena expressão! Que palavra simples e tão poderosa pra expressar o que uma das escritoras de maior influência na Literatura Americana Moderna considerava como prioridade em sua vida: ser.

Verbo tão pequeno, o primeiro ensinado mundo afora nos cursos de inglês, mas com tamanha carga de sentido. E assim podemos definir quem em vida foi Maya Angelou, pseudônimo

nunca se intimidou com o fato de ser mulher, pobre, e negra. Recebeu, em 2011 do presidente Barack Obama, a Medalha Presidencial da Liberdade, a maior condecoração civil do país. E, ainda assim, com tantos prêmios, medalhas (A Medalha Nacional de Artes em 2000) e reconhecimento da sua obra, ela apenas se preocupava em **ser**.



Barack Obama, ex-presidente dos Estados Unidos, premia a escritora, cantora e ativista dos direitos civis Maya Angelou com a Medalha Presidencial da Liberdade na Casa Branca em Washington no ano de 2011 (Foto: Andrew Harrer/Bloomberg/Getty Images)

Um marco em sua carreira aconteceu em 1970, quando publicou seu primeiro livro, *I Know Why the Caged Bird Sings* (traduzido em português para *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*). O livro fala sobre a infância e parte da adolescência da autora, e é o primeiro de 5 volumes de sua autobiografia. Agora, imaginemos o seguinte: uma mulher negra nos anos 70, que resolve colocar em palavras temas tabus como maternidade, família, auto-descoberta, e lembranças de um passado de opressão. Certamente não foi fácil, nunca é fácil falarmos de nós mesmos nos dias de hoje. Imagine naquela época, onde os jovens buscavam ansiosamente por saídas para seus problemas, por vozes que gritassem “escute, eu fiz isso, eu fiz aquilo, derrotas existirão, mas você nunca deve se sentir derrotado”. Angelou queria expressar, através de suas obras, a importância das vidas das mulheres, a busca incessante pela valorização do ser feminino, de **ser** feminina, negra e mulher.

AINDA ASSIM ME LEVANTO

Maya Angelou

Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me
levantar.

Minha presença o incomoda?
Por que meu brilho o intimida?
Porque eu caminho como quem possui
Riquezas dignas do grego Midas.

Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar,
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar.

Você não queria me ver quebrada?
Cabeça curvada e olhos para o chão?
Ombros caídos como as lágrimas,
Minh'alma enfraquecida pela solidão?

Meu orgulho o ofende?
Tenho certeza que sim
Porque eu rio como quem possui
Ouros escondidos em mim.

Pode me atirar palavras afiadas,
Dilacerar-me com seu olhar,
Você pode me matar em nome do ódio,
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.

Minha sensualidade incomoda?
Será que você se pergunta
Por que eu danço como se tivesse
Um diamante onde as coxas se juntam?

Da favela, da humilhação imposta pela cor
Eu me levanto
De um passado enraizado na dor
Eu me levanto
Sou um oceano negro, profundo na fé,
Crescendo e expandindo-se como a maré.

Deixando para trás noites de terror e atrocidade
Eu me levanto
Em direção a um novo dia de intensa claridade
Eu me levanto
Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
Eu carrego o sonho e a esperança do homem
escravizado.
E assim, eu me levanto
Eu me levanto
Eu me levanto.

Em um de seus últimos poemas, *Letter to My Daughter* (traduzido para o português como *Carta 'a minha filha*), de 2008, Maya se coloca por inteiro através de pequenos trechos que misturam poesia, memórias e histórias próprias. Assim como em todas as suas obras, a autora consegue escrever e fazer o leitor realmente sentir o que se passa na sua mente, e, mais especificamente, em seu coração. *Carta 'a minha filha* é um poema dedicado a uma filha que nunca existiu, mas habitou em seu coração enquanto ela viveu. Apesar de uma vida tumultuosa como adolescente submissa, desajeitada, Maya foi submetida a uma das maiores dores (se não a maior delas) que uma mulher pode experimentar: sexo sem consentimento, estupro. E dessa dor, nasceu seu único filho, seu maior presente.



Além de ativista, historiadora, escritora e dançarina Maya atuou no teatro, cinema e televisão, mas a poesia foi sua principal arma de luta e emancipação.



Maya ainda jovem foi primeira motorista negra de ônibus em São Francisco e mais tarde a primeira mulher negra a ser roteirista e diretora em Hollywood.

E com ele também nasceu em Maya a vontade e necessidade de falar para milhares de mulheres, de filhas que ela nunca teve, mulheres que eram a extensão de sua família. Naquele ambiente de segregação racial onde foi criada, no estado do Arkansas, Maya viu sua vida mudar radicalmente, e, por mais doloroso que tenha sido, nunca se abateu ou deixou transparecer o que a torturava. Pelo contrário, preferiu se erguer e ensinar e inspirar, através de suas palavras, milhares de mulheres. Um trechinho do poema diz assim: *“Eu dei a luz um menino, meu único filho, mas tenho milhares de filhas. Vocês brancas, negras, judias e muçulmanas, asiáticas, que falam espanhol, americanas. Gorda ou magra, bonita, gay ou hetero, alfabetizada ou não, eu falo a todas vocês. Aqui está a minha oferta a vocês”*. **(tradução livre)**

Os poemas de Angelou sempre visavam focar sua atenção para as vidas das mulheres negras americanas em especial ao longo dos anos dos anos 60, os anos rebeldes que imperavam no continente. Temas como denúncias do racismo, opressão, angústia, conflitos internos sofridos pelos (as) negros (as) norte-americanos (as) são claramente vistos ao longo de sua obra, aclamada com tantas premiações mais do que merecidas. E que, mesmo depois da sua morte, em 2014, continuam vivas nas lembranças e no dia-a-dia de mulheres que lutam bravamente por seus direitos, por um lugar ao sol.



Débora Peçanha Pedroni Katunaric

Nasceu em Niterói, RJ, em 1980. cursou Letras/Inglês na UERJ entre 1998 e 2003. Em 2008, começou a trabalhar em navios de cruzeiro da empresa Royal Caribbean e viajou os 5 continentes durante quase 5 anos, tendo passado por mais de 60 países. Hoje, mora na Croácia e trabalha com criação de conteúdo, além de dar aulas de inglês e português para estrangeiros. Foi recentemente convidada a ser Embaixadora da Rede Mulher Empreendedora na Croácia, e desde então produz textos e artigos voltados ao empreendedorismo feminino. Participa também de algumas antologias e coletâneas no Brasil e exterior.